



CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO
4ª SESSÃO LEGISLATIVA ORDINÁRIA DA 55ª LEGISLATURA
229ª SESSÃO
(SESSÃO NÃO DELIBERATIVA DE DEBATES)

Em 8 de Novembro de 2018

(Quinta-Feira)

Às 14 horas

ABERTURA DA SESSÃO

O SR. PRESIDENTE (Gonzaga Patriota. PSB - PE) - A lista de presença registra na Casa o comparecimento de 321 Senhoras Deputadas e Senhores Deputados.

Está aberta a sessão.

Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos nossos trabalhos.

O Sr. Secretário procederá à leitura da ata da sessão anterior.

LEITURA DA ATA

O SR. PROFESSOR VICTÓRIO GALLI, servindo como 2º Secretário, procede à leitura da ata da sessão antecedente, a qual é, sem observações, aprovada.

EXPEDIENTE

(Não há expediente a ser lido.)

O SR. PRESIDENTE (Gonzaga Patriota. PSB - PE) - Passa-se ao

PEQUENO EXPEDIENTE

Esta Presidência agradece ao Sr. Secretário, Deputado Professor Victório Galli, a leitura da ata e convida S.Exa. a iniciar o Pequeno Expediente.

V.Exa. disporá do tempo regimental.

O SR. PROFESSOR VICTÓRIO GALLI (PSL - MT. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, combati, durante todo o meu mandato, o bom combate. Defendi os valores cristãos, sem medo de perseguições por parte de grupos ideológicos ou da imprensa vermelha, e continuarei a fazer até o fim de minha vida.

Quero registrar o meu repúdio contra o instituto que organiza a prova do ENEM, o INEP — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

Vocês, profissionais técnicos do MEC que compactuaram com essa nojeira, deveriam se envergonhar, pois estão tentando enganar toda a população brasileira!

A prova do ENEM, há muitos anos, vem-se tornando uma ferramenta gramscista e marxista, uma ferramenta ideológica nas mãos da esquerda para destruir a educação brasileira, para destruir os valores cristãos e emburrecer nossos jovens.

Essa última prova do ENEM 2018 pode ser considerada uma verdadeira baixaria. A prova do ENEM deveria testar conhecimento científico dos alunos, mas, em vez disso, está testando a paciência das famílias cristãs do Brasil.

Um dos absurdos trazidos nesta prova de domingo foi um tal dialeto de travestis e gays. O que essa questão trouxe de útil para a sociedade ou para o ensino científico? Se quisessem difundir ou discutir dialetos, por que não usaram a linguagem ou os dialetos indígenas, que são os verdadeiros brasileiros desta terra do Brasil?

Eu sei que precisaremos de décadas para limpar o lixo ideológico do ensino brasileiro, mas o primeiro passo para resgatarmos as nossas crianças foi dado com a vitória democrática de Jair Bolsonaro.

A prova do ENEM não está testando conhecimento, está testando quais alunos estão aderindo à ideologia nefasta da esquerda.

Encerro minha fala sugerindo ao nosso Presidente Bolsonaro que mude o nome do Ministério da Educação para Ministério do Ensino, pois educação é dada pelo papai e pela mamãe. Escola é lugar de ensino científico, e este recado precisa ser dado aos esquerdistas e aos falsos professores que usam o dinheiro público para destruir o nosso Brasil.

Quero dedicar esta minha fala aos Profs. Orley Silva, Miguel Nagib e Olavo de Carvalho, que combatem o bom combate em defesa do Brasil, e também à Escola sem Partido.

Faço questão, Sr. Presidente, que este meu discurso seja registrado no programa *A Voz do Brasil*.

Muito obrigado.

DISCURSO NA ÍNTEGRA ENCAMINHADO PELO SR. DEPUTADO PROFESSOR VICTÓRIO GALLI.

O SR. PRESIDENTE (Gonzaga Patriota. PSB - PE) - V.Exa. será atendido, nos termos regimentais.

Convido o Professor Victório Galli para presidir a sessão, para que eu possa falar pela Liderança do PSB.

(O Sr. Gonzaga Patriota, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Professor Victório Galli, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno.)

O SR. PRESIDENTE (Professor Victório Galli. PSL - MT) - Com a palavra o Deputado Gonzaga Patriota, para uma Comunicação de Liderança, pelo PSB.

O SR. GONZAGA PATRIOTA (PSB - PE. Como Líder. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, minha querida Deputada Erika Kokay, nós temos acompanhado campanhas de saúde realizadas no Brasil há algum tempo. Talvez alguém pense, Deputado João Carlos Bacelar, que isso não tem resultado. Eu sou jornalista e tenho um programa diário chamado *Conexão Brasília*. Outro dia fui abraçado por uma senhora no Município de Sertânia, minha terra, e ela me disse: *"Eu quero agradecer a você por minha vida, porque você falou no seu programa Conexão sobre o câncer de mama. Eu sabia lá se eu tinha câncer de mama! E fui a um médico. O resultado foi que eu tinha um câncer de mama e o retirei"*.

Faço um registro sobre a campanha Novembro Azul. Nesses poucos dias de novembro, já houve alguns movimentos muito importantes para o Brasil, porque esse câncer é muito grave, principalmente no nosso País. Que nós possamos divulgar ainda mais esse Novembro Azul nas escolas, nos movimentos sociais e nas igrejas!

Por isso, eu peço ao nosso querido Deputado Professor Victório Galli que dê divulgação, nos Anais da Câmara, deste nosso pronunciamento.

Já que eu falei em saúde, que lembrar que este Congresso Nacional derrubou alguns vetos, entre eles um veto muito importante, o do Sr. Michel Temer referente ao piso dos agentes comunitários de saúde e combate a endemias. Esses agentes comunitários de saúde e combate a endemias salvam tantas vidas por aí, mas têm um piso salarial de 1.015 reais. Depois de muita discussão na Câmara e no Senado, nós aprovamos um projeto de lei para aumentar para 1.250, 1.400, 1.550 reais, e esse projeto foi vetado. Porém, por meio de um trabalho muito importante dos próprios agentes comunitários de saúde, nós conquistamos uma grande vitória, que foi a derrubada do veto. Foram quase 300 Deputados favoráveis à derrubada do veto e apenas uma dúzia de Deputados a favor de manter o veto.

Queremos, portanto, saudar os agentes comunitários de saúde e combate a endemias!

Eu já registrei a presença dos Deputados João Carlos Bacelar e Pompeo de Mattos, porque não chegaram a tempo de registrar o nome no painel da Casa. Mas a presença de S.Exas. não se registra apenas no painel, mas no plenário. E irão falar, porque sabemos do trabalho de S.Exas.

Sr. Presidente, concluo este pronunciamento sobre o Novembro Azul e reitero os parabéns ao Parlamento brasileiro, por dar, pelo menos, um piso acima do salário mínimo aos agentes comunitários de saúde e de combate às endemias.

Muito obrigado.

DISCURSOS NA ÍNTEGRA ENCAMINHADOS PELO SR. DEPUTADO GONZAGA PATRIOTA.

O SR. PRESIDENTE (Professor Victório Galli. PSL - MT) - Convido a Deputada Erika Kokay a fazer uso da palavra, pelo tempo regimental.

A SRA. ERIKA KOKAY (PT - DF. Sem revisão da oradora.) - Colocou-se uma alcunha em projeto que tenta impedir a troca de saberes dentro de uma escola, que tenta impedir a liberdade de cátedra. Falou-se que era um projeto de Escola sem Partido. Ora, em verdade, ninguém defende doutrinação partidária dentro de escolas, ninguém defende isso! O que se defende é a liberdade de pensamento. O que se defende é que o conteúdo possa ser associado à realidade das pessoas na educação, que é uma das políticas mais generosas que nós temos.

A educação transborda ela mesma. A educação invade o conjunto das outras políticas públicas e é uma variável fundamental. Sem uma educação de qualidade, nós não vamos ter uma saúde de qualidade ou uma política de geração de emprego e renda de qualidade. Portanto, a educação é a política mais generosa, e ali ocorre o diálogo de pessoas, de gente, de pessoas com toda a sua inteireza, de pessoas com as suas ancestralidades.

Como bem disse Paulo Freire, ninguém nasce pronto. Nós vamos nos fazendo, nós somos fruto da trama das nossas relações. Nós somos fruto dos nossos antepassados e também somos semente dos que ainda vão chegar a esta terra, posto que ser humano é um ser que tem ancestralidade. A nossa humanidade só se reconhece na liberdade e na afetividade. Portanto, impedir as expressões de afeto porque são diferentes das expressões de afeto que a pessoa carrega, é tentar impedir o exercício da humanidade e impedir que as pessoas sejam sujeitos delas mesmas, ou seja, que mulheres possam ser donas de seus corpos, pois nós lutamos todos os dias para que nossos corpos pertençam a nós mesmas. Nós vivemos em um país que, estima-se, ocorrem por volta de 500 mil estupros por ano. Portanto, nós estamos aqui lutando para o exercício de uma humanidade que se realiza também dentro da escola.

Ah, mas, da mesma forma que o nazista sacava uma arma quando ouviam falar de livros e de cultura, alguns que querem um Brasil dominado, um Brasil sob o jugo de uma ditadura, um Brasil que cala e silencia os que pensam de forma diferente, esses buscam sacar uma arma quando se fala de educação e de escola!

Aliás, esse Presidente eleito chegou a propor o ensino fundamental a distância, tirando o ato de educar, a construção dialógica, o diálogo, a pedagogia, que considera que o outro não é um receptáculo vazio que vai engolir aquele conteúdo que é transmitido dissociado da própria realidade, para colocar uma educação conteudista, ou uma lógica conteudista, que se reduz apenas ao conteúdo a ser transmitido, como se não se tratasse de humanos. Se a educação é descolada da realidade, se não é contextualizada, se não dialoga e não discute os fenômenos humanos e sociais, tem menos efeito.

O ser humano, já dizia Anísio Teixeira, tem várias inteligências: a inteligência corpórea, a inteligência cognitiva, a inteligência emocional. São tantas inteligências que tem o ser humano que nós não podemos ser considerados robôs que apenas engolem um conteúdo sem contestação. O que nós queremos, em verdade, são pessoas que rompam o analfabetismo político. Já dizia Brecht que o pior analfabeto é o analfabeto político.

Mas cria-se esse projeto da escola amordaçada, do ferimento à liberdade de cátedra, que é um princípio constitucional, e tenta-se colocar professores como inimigos da Nação. Há mais de 2 milhões de professores na educação neste País, fundamentais para que nós possamos ser uma nação livre, para que nós possamos ser uma nação autônoma, para que nós possamos dizer que todas e todos têm direito de exercer sua humanidade, que nos foi concedida por uma vontade divina.

E eles vêm falar em doutrinação comunista! Doutrinação?! Aqueles que falam em doutrinação comunista, de duas uma: ou não sabem o que são os educadores, o que é o processo pedagógico e a educação, ou não sabem o que é o comunismo. Aí, como se fossem soldados despossuídos de inteligência, eles vêm, em um mesmo refrão, numa ousadia fascista, colocar os professores e professoras como inimigos imaginários desta Nação.

Por isso, nós estamos aqui para dizer que não é escola sem partido o que querem; é escola amordaçada. Aliás, quem defende essa escola sem partido é uma pessoa que utiliza, num taco de beisebol, o termo "direitos humanos".

Presidente, eu peço a V.Exa. para anexar o tempo de Liderança do PT ao meu tempo no Pequeno Expediente. (*Pausa.*)

O SR. PRESIDENTE (Professor Victório Galli. PSL - MT) - Deputada, eu fui informado aqui pelos assessores de que quem vai falar pela Liderança do PT é o Deputado Zé Geraldo.

Seguindo a ordem, convido o Deputado João Carlos Bacelar para fazer uso da palavra pelo tempo regimental.

O SR. JOÃO CARLOS BACELAR (PR - BA. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, após o período eleitoral, ficou claro que a maioria do eleitorado brasileiro queria renovação, queria o novo.

Vim a esta Tribuna hoje para fazer uma reflexão junto às Sras. e Srs. Deputados. O Brasil precisa voltar imediatamente ao crescimento econômico. Andando pelas ruas do meu querido Estado da Bahia, pelas ruas do Brasil, percebemos nitidamente, Sr. Presidente, que o desemprego está alarmante no País — são quase 15 milhões de desempregados —, o que hoje assola a economia de diversos Estados brasileiros.

Nós, como Parlamentares, Parlamentares reeleitos, temos aqui a importância e, acima de tudo, a outorga dada pelo povo brasileiro de representá-lo para fazer com que o Brasil volte a crescer. Deputado Sargento Isidório, futuro Deputado desta Casa, eleito pelo nosso querido Estado da Bahia, um dos pontos fundamentais para isso seria a reforma da Previdência. Todos os economistas brasileiros falam que, se nós não votarmos a reforma da Previdência imediatamente, o Brasil corre sério risco de virar uma Grécia, e o País não merece isso. O Brasil, que tem tantas riquezas naturais, tem tantas riquezas no subsolo, na agricultura, no turismo, na indústria, não merece virar uma Grécia.

Um dos apelos que nós fazemos aqui é em favor de votarmos a reforma da Previdência o mais breve possível. Dei essa sugestão ao Presidente eleito Jair Bolsonaro. Tenho dito isso no Palácio do Planalto, que também tem sinalizado que essa reforma é fundamental. O Presidente Michel Temer sinalizou que, se for bom para o Brasil, vai ser bom para o Governo e, dando uma de estadista, fechará o Governo dele votando a reforma da Previdência, uma reforma necessária para o País, Deputado Isidório.

Nós não vamos aceitar tirarem direitos do pequeno agricultor, do agricultor que mora no campo — não aquele, Isidório, que mora em São Paulo e tem registro no interior do Piauí, no interior da Bahia, mas aquele que vive do campo. Não vamos admitir. Não vamos admitir tirarem direitos do *motoboy*, do caminhoneiro, dos pequenos trabalhadores brasileiros. Vamos, sim, tirar os excessos dos grandes marajás do Brasil, que se aposentam com 30 mil, 40 mil, 50 mil, 70 mil reais. Esses, sim, são quem afunda nossa economia, afunda a expectativa das crianças, a expectativa dos jovens que estão desempregados. Essa, sim, é a ferida em que nós temos que botar o dedo ainda este ano.

Conclamo cada um de nós que estamos nesta Casa, eleitos ou não eleitos, para termos essa responsabilidade — responsabilidade social, responsabilidade política — de quem quer ver o Brasil voltar a crescer.

Não vamos aceitar que se tirem direitos do pequeno, que vive e trabalha no campo, na zona rural, mas, sim, dos grandes. Não é possível que eu, Deputado Federal, trabalhando aqui durante 4 anos, disputando mandato, tenha que me aposentar pelo teto do INSS enquanto outros vivem de regalias e mais regalias, tendo direitos quase que inatingíveis, causando essa discrepância na economia brasileira. Precisamos, sim, botar o dedo nessa ferida. Precisamos, sim, conter essa sangria o mais rápido possível, para que isso, Sra. Presidenta, venha a se tornar investimentos no Brasil, abrir o Brasil para os investidores internacionais, dar credibilidade política e social a este País.

O Brasil precisa voltar a se desenvolver. O Brasil precisa voltar a crescer. O Brasil precisa voltar a gerar a renda. O Brasil precisa voltar, acima de tudo, a criar emprego para tirar o cidadão de bem do submundo, tirar o cidadão de bem da economia informal, tirar o cidadão de bem das drogas. Deputado Isidório, muitas vezes eles vão para as drogas porque não têm um trabalho, porque não têm a dignidade de ter uma carteira assinada.

Essas são as minhas palavras. Estarei aqui no próximo mandato e ainda neste, se possível, defendendo essa bandeira e, se Deus quiser, votando em favor de tirar essas regalias que o Brasil não comporta mais.

Muito obrigado, Sra. Presidente.

(Durante o discurso do Sr. João Carlos Bacelar, o Sr. Professor Victório Galli, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sra. Erika Kokay, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno.)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Antes de passar a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos, concedo 1 minuto à Deputada Carmen Zanotto.

A SRA. CARMEN ZANOTTO (PPS - SC. Sem revisão da oradora.) - Muito obrigada, nobre Deputada Erika Kokay.

Eu peço que seja divulgado nos veículos de comunicação da nossa Casa o meu pronunciamento a respeito da nossa Constituição Federal, que, neste ano, completa 30 anos: 30 anos de evolução, 30 anos de direitos assegurados à população brasileira, 30 anos da implantação do nosso Sistema Único de Saúde. No pronunciamento, falo também sobre o quanto ainda precisamos avançar para garantir a todo o povo brasileiro o que está contido na nossa Constituição Federal.

Sra. Presidente, eu aproveito também este momento para dizer que estamos vivendo no mês de novembro o Novembro Azul, campanha de conscientização não só sobre o diabetes, mas também sobre o câncer de próstata. Precisamos fazer com que todos os homens deste País tenham acesso a exames de próstata e tratamento no tempo ideal, no menor prazo possível.

A Constituição nos assegura o direito à saúde, e é por esse direito que nós precisamos sempre continuar lutando. E eu, como Presidente da Frente Parlamentar de Prevenção, Diagnóstico e Tratamento do Câncer, quero dizer que precisamos fazer com que os homens também procurem as unidades de saúde e façam os seus exames, evitando consequências mais graves. Muito obrigada, Sra. Presidente.

DISCURSO NA ÍNTEGRA ENCAMINHADO PELA SRA. DEPUTADA CARMEN ZANOTTO.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Obrigada, Deputada Carmen Zanotto. O pronunciamento de V.Exa. será divulgado nos meios de comunicação desta Casa e no programa A Voz do Brasil.

Antes de eu passar a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos, pela generosidade que lhe é peculiar no exercício da sua função de Parlamentar, eu concedo a palavra ao Deputado Rocha.

O SR. ROCHA (PSDB - AC. Sem revisão do orador.) - Sra. Presidente, eu quero agradecer ao Deputado Pompeo de Mattos e a V.Exa. e fazer o registro da presença na nossa Casa da futura Deputada Federal Mara Rocha, eleita pela bancada do PSDB do Acre, a mais votada nesta eleição, e do Deputado Cadmiel Bomfim. É a renovação na nossa bancada.

O Acre traz uma novidade para esta Casa: metade da sua bancada é composta por mulheres. Então, quero parabenizar as mulheres neste ato, fazendo o registro da visita de Mara e de Cadmiel aqui neste momento.

Obrigado, Presidente.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Desejo sucesso no mandato que se inicia no próximo ano aos dois Parlamentares.

Passo a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT - RS. Sem revisão do orador.) - Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, nesta semana que passou, foi feito no Rio Grande do Sul o leilão das concessões das rodovias federais para cobrança de pedágio. A proposta vencedora estabeleceu um valor de R\$4,30 na Freeway, rodovia que liga Porto Alegre ao litoral, na BR-448, que é uma rodovia federal metropolitana, e na BR-386, a nossa famosa BR-Leonel de Moura Brizola, que liga Canoas a Estrela, Lajeado, Soledade e chega até Carazinho.

Quatro reais e trinta centavos está caro? Está caro. Nós precisamos dizer isso, em que pese a relevância do serviço que o dinheiro arrecadado com o pedágio presta. Agora, se está caro, imaginem quão caro estava o valor anterior. Na Freeway, o pedágio, há 1 ano, custava R\$6,90. Na BR-386, o pedágio, há 4 anos, custava R\$ 7,10 — e esse valor vigorou por 20 anos. Estão percebendo o quanto nós gaúchos éramos logrados, roubados por essas empresas de concessão de pedágio?

É lamentável, se R\$4,30 está caro, e está, imaginem R\$6,90 na Freeway há 1 ano, imaginem R\$7,10 há 4 anos — e ao longo de 20 anos. E, o que é pior, esses R\$4,30 que vamos pagar a partir do ano que vem vai trazer uma série de intervenções, melhorias, ampliações, terceiras pistas, duplicação, passagem de nível, enfim, para rodovia. O que foi feito na Freeway, ao longo desses anos com o pedágio a R\$6,90? E, o que é pior, o que foi feito na BR-386, ao longo desses 20 anos, com o pedágio a R\$7,10, há 4 anos? Nós fomos logrados por todos esses anos.

Se acham isso pouco, há mais: na BR-386, entre Porto Alegre e Pelotas, e na BR-392, de Canguçu a Rio Grande, o pedágio — reparem! — é R\$11,40, e a rodovia Rio Grande-Pelotas já foi duplicada. Ou seja, eles ganham o dobro, e quem duplicou foi o dinheiro do Tesouro, da Nação. Se nós éramos logrados antes, somos muito mais agora. É um absurdo o que está acontecendo com o pedágio nessas rodovias. Onde está o Ministério Público Federal, que nunca tomou uma atitude? Onde está o Poder Judiciário Federal? Essa concessão de rodovia tem que ser revista, porque agora caiu a máscara. Em três rodovias o preço do pedágio veio para R\$4,30 centavos. É claro que R\$4,30 é bem pago. No entanto, nós estamos pagando R\$11,40. Nós estamos sendo logrados, roubados. Os nossos caminhoneiros, irmãos caminhoneiros, para levar uma carga de Porto Alegre a Rio Grande pagam mais de pedágio do que gastam com óleo *diesel*. Alguém pode suportar isso?

Está na cara que caiu a máscara. E está na cara que o Poder Judiciário tem que tomar uma atitude. Estou fazendo aqui da tribuna da Câmara dos Deputados uma denúncia grave. O Rio Grande do Sul, a Nação brasileira, o Governo Federal têm que ter consciência. O DNIT, o Ministério dos Transportes não podem se calar diante desse absurdo, desse assalto à mão desarmada, porque, a cada pedágio, o caminhoneiro, o motorista é assaltado quando cobram um pedágio que não vale, que não reverte em benefício para o cidadão, para a cidadania.

Deixo aqui o meu protesto. E o mínimo que tem que ser feito é o Ministério Público abrir um inquérito para investigar o valor desses pedágios, compará-los com o valor do novo pedágio das rodovias que foram pedagiadas e que vão funcionar a partir do ano que vem. Eles vão ver que esses pedágios que pagávamos lá em Pelotas, Cristal, Rio Grande, Canguçu são aviltantes, não são devidos, são verdadeiramente um assalto aos nossos motoristas e caminhoneiros.

Deixo aqui o meu profundo protesto. Que o Ministério Público Federal tome uma atitude! Vou fazer uma representação nesse sentido e espero que seja revista a concessão e o valor dos pedágios na BR-116.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Passo a palavra ao Deputado Freitas do PT.

O SR. Freitas do PT (PT - TO. Sem revisão do orador.) - Sra. Presidenta, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, mais uma vez, volto aqui para falar do momento de tristeza que vive o nosso Tocantins. Na noite passada, na cidade de São Miguel do Tocantins, no Bico do Papagaio, faleceu a companheira D. Raimunda Gomes da Silva, conhecida internacionalmente como Raimunda Quebradeira de Coco.

D. Raimunda tem uma história singular. Era camponesa no interior do Maranhão, veio para o norte de Goiás buscar a sobrevivência sua e de sua família, organizou a Comunidade de Sete Barracas, no Município de São Miguel, fez uma revolução, mesmo sendo analfabeta, e chegou a ser inclusive condecorada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Tocantins.

Hoje, de todos os companheiros da agricultura familiar não somente do Partido dos Trabalhadores, mas de todas as lideranças do Estado, a tristeza assola o coração, em função da morte da querida D. Raimunda. Na Assembleia Legislativa, toda a bancada do PT já apresentou suas moções de pesar pelo passamento dessa companheira: Deputada Amália Santana, Deputado Paulo Mourão, Deputado Zé Roberto. Todos os políticos do Tocantins estão comovidos com esse momento. E aqui deixo o meu sentimento de pesar ao companheiro Cipriano, a Moisés, a toda a família de D. Raimunda. Deixo os nossos verdadeiros sentimentos.

Mas, Presidenta, para não ficar só nessa questão, há algo que me encabula: ver pessoas debatendo aqui, preocupadas com a reforma da Previdência, preocupadas com as cores vermelho ou azul e branco, quando, nesta Casa, há muito mais coisas a se fazerem.

Imagine V.Exa., Presidenta, que a reforma da Previdência tem que ser feita para não quebrar o País. Mas o Senado Federal deu aumento ontem para o Judiciário que, provavelmente, extrapola qualquer expectativa que se pudesse ter desse aumento. Isso sim quebra o Brasil. Outras coisas também, como desvios nos vários órgãos, sucateamento do Estado, dinheiro tirado das Previdências dos Estados e dos Municípios. Neste momento, a Capital do Tocantins tem uma CPI para investigar os desvios no Instituto PREVIPALMAS. São milhões e milhões, Presidenta, desviados dos cofres públicos das pessoas que realmente contribuem e que precisam.

Aí, pessoas vêm aqui se preocupar com o Programa Escola sem Partido, querer dizer que o professor não pode usar do seu direito de orientar. Mas a escola é sem partido quando é para falar do PT, do PSB, do PCdoB, do PSOL. Quando é para falar dos partidos da Direita, o professor pode inclusive vestir a camisa do Presidente eleito e dar aula, admoestando, para que as pessoas não façam a escola sem partido.

Eu quero aqui, Presidenta, denunciar os desvios cometidos pelos gestores da Previdência do Estado do Tocantins e pelo Instituto de Previdência da Capital, Palmas. São milhões e milhões aplicados em fundos podres da iniciativa privada.

E essas pessoas acham justificativas. Para aumentar 30 reais no salário mínimo, cria-se uma guerra, fala-se em quebrar o País, mas não se fala isso com um aumento desses.

Eu quero encerrar a minha fala, Presidenta Erika Kokay, dizendo o seguinte:

*Minha nobre Presidenta,
Mesa posta e plenário repleto,
São muitas as perguntas,
São muitas as respostas,
Deputados decanos,
Todos hermanos, fazendo acontecer.
Neófito, que sou, nada sei,
57 anos, Nunca vi o kit gay*

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Obrigada pelo pronunciamento.

Concedo a palavra ao Sr. Deputado Pompeo de Mattos, para uma Comunicação de Liderança, pelo PDT.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT - RS. Como Líder. Sem revisão do orador.) - Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, lamento, mas venho à tribuna para responder à manifestação feita pela Senadora Gleisi Hoffmann em mais

uma desconsideração em relação ao nosso futuro Presidente da República, o Sr. Jair Bolsonaro. Ela disse que o resultado das eleições deixou o Sr. Bolsonaro brabinho por conta de um mau resultado.

O Sr. Bolsonaro não teve um mau resultado, teve um grande resultado. E esse resultado não irrita o Sr. Bolsonaro. Deixa-o feliz da vida. O que o irrita é o comportamento que o PT tem tido com ele e conosco do PDT, não respeitando o seu principal aliado ao longo de muitos anos. Já falei desta tribuna: Brizola apoiou Lula no segundo turno em 1989; Brizola foi candidato a Vice de Lula em 1998; o Sr. Bolsonaro, Brizola e eu estivemos na primeira gravação do segundo turno de Lula em 2002, estivemos ao lado, no *impeachment*, defendendo a Presidente Dilma. Mas, lamentavelmente, tem sido uma via de uma mão só. É só daqui para lá: venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim em Brasília como no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo inteiro. É só daqui para lá. Isso faz com que nos indignemos.

Aliás, a Senadora já disse que nem com reza braba o PT estaria com o Sr. Bolsonaro. Nem que a vaca tossisse, dizia ela. Pois a vaca tossiu: elegeram Bolsonaro. Lamentavelmente, tenho que vir aqui à tribuna dar esta resposta, porque precisam ouvir para, quem sabe, compreender. O PT tem pensado assim: eles, depois eles, depois os deles, para eles, por eles. Ou seja, é tudo venha a nós o vosso reino. Como conceber isso? Parecem aquelas árvores de cinamomo que há no Rio Grande: embaixo não nasce nada e do lado nada se cria.

Aliás, o PSB, que já era um partido aliado do PT, viu isso, saltou fora e respirou. O PCdoB ficou embaixo e está com dificuldade até para cumprir a cláusula de barreira. Felizmente, o PDT está saindo de lado, porque está vendo que a parceria, lamentavelmente, não é boa. O PT tem que fazer a sua mea-culpa. Como diz a Bíblia, tem que se banhar nas águas do Rio Jordão. É aquela famosa passagem bíblica, na qual a pessoa, quando tinha problemas para se limpar, tinha que se lavar nas águas do Rio Jordão.

O PT vai ter que se lavar nas águas do Rio Jordão para poder fazer a sua assepsia, a sua limpeza, e compreender o convívio fraterno entre os iguais. Ninguém é dono da verdade. O PT não é dono da verdade, não é o que pode tudo, não sabe tudo, não é hegemônico. Ele tem que respeitar os seus aliados, até para ser respeitado.

É por isso que nós do PDT estamos trabalhando, até porque tínhamos 19 Deputados e elegemos 29 Deputados, crescemos mais do que 50% aqui nesta Casa. Temos Deputados em todo o País e vamos trabalhar para fazer um bloco de centro-esquerda com o PSB, com o PV, com a REDE, com o PPS, com partidos que se respeitam, se enxergam juntos, aliados, colaborativos, colaboracionistas, que se compreendem, que se entendem e que se ajudam mutuamente. Esse é o compromisso que nós precisamos ter, porque essa questão isolada que o PT fez resultou na eleição do Bolsonaro. O Bolsonaro é um pouco resultado do PT, porque quem tinha ódio do PT votou no Bolsonaro e quem odiava o Bolsonaro votou no PT.

Nós não queremos mais o ódio para o País. Nós queremos um País leve, livre, liberto, altaneiro, como é o Brasil e como deve ser o povo brasileiro.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Passa-se ao

GRANDE EXPEDIENTE

Não há oradores.

Passa-se às

COMUNICAÇÕES PARLAMENTARES

Eu passo a palavra ao Deputado Zé Geraldo, que agregará o tempo que lhe cabe, como representante do Partido dos Trabalhadores, para uma Comunicação de Liderança, ao tempo para Comunicação Parlamentar, também na condição de representante do PT.

Então V.Exa. tem até 20 minutos.

O SR. ZÉ GERALDO (PT - PA. Como Líder. Sem revisão do orador.) - Cumprimento a Deputada Erika Kokay, que dirige esta sessão, e o meu caro Deputado Freitas, do PT de Tocantins.

Parabéns ao PT de Tocantins, que, também nessas eleições, elegeu um Deputado Federal que, nesta Casa, se somará com a nossa poderosa bancada do Partido dos Trabalhadores, que estará neste plenário vigilante, sempre combatendo a política maldosa que terá prosseguimento com o Governo Bolsonaro.

E eu queria fazer aqui, primeiro, mais uma vez, um agradecimento aos mais de 800 mil eleitores do Estado do Pará que me confiaram o seu voto na minha campanha para Senador. Nós no Pará fizemos um enfrentamento, no momento da

campanha eleitoral, com a campanha maldosa que se instalou contra o PT, contra Lula e contra o nosso projeto defendido tanto no âmbito nacional como no estadual.

Nós, em um momento difícil, tomamos a decisão de lançar uma chapa majoritária no Estado do Pará. O Senador Paulo Rocha foi candidato a Governador, e eu, então, depois de quatro eleições para Deputado Federal, coloquei-me à disposição do PT, sabendo que seria difícil enfrentar as duas poderosas coligações que se organizaram no Pará: uma coligação organizada pelo MDB, em que se somaram 17 partidos, que tinha praticamente metade dos Prefeitos e Prefeitas do Pará, em torno de 70, apoiando dois candidatos, Jader Barbalho e Zequinha Marinho, que era Vice-Governador; e a coligação do PSDB, que tinha exatamente um Senador candidato à reeleição e mais duas candidaturas.

Tínhamos ainda outras candidaturas com muita força: um candidato que concorria com o Flexa Ribeiro no Pará, Sidney Rosa, dividindo o empresariado que sempre apoiou o Flexa; o Jarbas Vasconcelos, advogado de renome que foi Presidente da OAB, também com uma forte campanha; e a Ursula Vidal, candidata do PSOL, também com muita força política, principalmente na região metropolitana, que foi muito bem votada.

Foi nesse contexto que eu enfrentei a eleição para Senador.

E qual foi, então, o nosso grande ganho? O nosso grande ganho no Pará foi repetir a nossa bancada com três Deputados Estaduais, a nossa bancada Federal, com dois Deputados Federais — Beto Faro e Aírton Faleiro, Deputado com quatro mandatos de Deputado Estadual que sempre trabalhou comigo no Estado do Pará —, e nós fizemos com que o Haddad ganhasse as eleições, já no primeiro turno, no Estado do Pará, e ganhamos no segundo turno, passando em torno de 54% dos votos.

Foi uma grande campanha, e lá nós debatemos os temas que precisam ser assumidos pelos Governos Federal e Estadual. Nós debatemos os preços da energia, do gás, da gasolina, do óleo *diesel* no Estado do Pará, que é praticamente um dos maiores preços do Brasil: um botijão de gás em alguns Municípios do Pará já passa de 100 reais, chega até a 115 reais; a gasolina chega a 6 reais em alguns Municípios do Pará — é normal custar 5 reais, 5 reais e 50 centavos; o óleo *diesel* passa dos 4 reais e 50 centavos, 4 reais e 70 centavos, 4 reais e 80 centavos; e a energia elétrica, mesmo o Pará sendo um grande produtor de energia limpa e renovável, através das hidrelétricas, que deveria ser uma energia mais barata, é muito cara.

Debati fortemente esses temas na minha campanha para Senador, como também a Lei Kandir: 84% da economia do Pará são minério, e praticamente 50% são minério de ferro, que hoje sai de dois Municípios — Parauapebas e Canaã dos Carajás. Esse minério não paga nenhum real de ICMS ao Governo do Estado, ou seja, o cidadão no final do mês paga 33% de ICMS numa conta de energia, todo mundo paga ICMS, mas aqueles que exploram as nossas riquezas minerais não pagam, porque existe a Lei Kandir, criada no Governo Fernando Henrique Cardoso pelo então Ministro Antônio Kandir, e que até hoje faz com que o Pará seja explorado. Aí, não tem dinheiro para melhorar as estradas, a saúde, a educação, a segurança pública.

Nós estamos sujeitos aos arrochos, iniciados pelo Temer, quando sentou na cadeira, que ele usurpou, porque não foi eleito, nunca se elegeria. A prova disso é o resultado eleitoral do seu partido, com Henrique Meirelles, nas urnas. E os programas vêm sendo cortados dia a dia. Agora, piorou com o Bolsonaro. Temer extinguiu o Ministério da Reforma Agrária, o Ministério da Pesca, a Secretaria Nacional de Mulheres, com *status* de Ministério.

Bolsonaro vai extinguir o Ministério do Trabalho. Aliás, vai acabar com tudo, até com a EBC, uma empresa pública de comunicação. Ele quer extinguir a EBC! Afinal de contas, que empresa privada de comunicação será contratada pela turma do Bolsonaro? Que empresa privilegiada vai ganhar dinheiro para fazer a comunicação do Governo? O Governo hoje tem esse canal, por meio de uma empresa pública, para fazer a sua comunicação, a sua propaganda. Naturalmente, com essa extinção, um meio de comunicação poderoso como esse já deve ter feito um acordo na campanha.

Quando Bolsonaro diz: "*Ah, eu não posso errar!*", ele já errou. Já está tudo errado. A própria eleição foi errada. Se a Justiça Eleitoral deste País fosse eficiente e séria, a sua candidatura teria sido cassada, naquele momento em que milhões e milhões foram pagos de forma ilegal para turbinar a sua candidatura, para que ele obtivesse mais votos do que o seu adversário.

Ora, se a Justiça Eleitoral fiscaliza o materialzinho da pessoa na gráfica, se ela tem CNPJ ou não; se fiscaliza se está legalizado aquele carro contratado pela pessoa, se tem documento, se o dono pode ter aquele carro, se consta no Imposto de Renda; se está atrás de tudo isso, por que permitiu, ao ser descoberta a grande fraude dessa eleição — milhões e milhões gastos com WhatsApp para inclusive promover notícias falsas contra o adversário, Haddad —, que Bolsonaro se tornasse Presidente da República com essa ilegitimidade?

A democracia não foi exercida na sua plenitude nessas eleições, porque o candidato, o Presidente que a maioria do povo queria, foi preso. Sérgio Moro, para virar Ministro, teve que mandar prender o Lula. Vou repetir: Sérgio Moro só vira Ministro da Justiça, neste País, porque mandou prender o Lula. O Bolsonaro só é Presidente da República porque

prenderam Lula, porque, se o Lula estivesse solto, a situação seria diferente. Se não tivessem condenado o Lula sem provas, como Sérgio Moro escreveu no processo, a situação política deste País seria diferente.

Mas é bom registrar aqui que a maioria dos Deputados desta Casa que fizeram aquela farra naquele domingo, naquela sessão — alguns vieram aqui com bandeira do Brasil, do Pará, e mandavam alô para papai, para mamãe, para titia e não sei mais para quem —, praticamente todos, foram derrotados, não se reelegeram. E eu poderia citar aqui uns 50 nomes daqueles que passaram nesta tribuna difamando o PT, xingando o PT, criando ódio do eleitor ao PT, colocando-se como salvadores da Pátria. Cadê eles? Onde eles estão? Levaram farelo!

Existem aqueles que pensavam que teriam até 300 mil votos no Estado do Pará, e quase não se reelegem; e existem aqueles que pensavam que teriam uma grande campanha para Senador, elegendo seu filho Deputado Federal. Não elegeram também. No Brasil inteiro aconteceu isso.

Nós estamos vivendo um momento de muitas dificuldades, de muitas incertezas e de tristeza. Eu estou há mais de 30 anos acompanhando bem a construção e os enfrentamentos da política neste País, do próprio Partido dos Trabalhadores. O Lula disputou quatro eleições, perdeu três eleições seguidamente para ser eleito na quarta vez. E, quando se sentou naquela cadeira de Presidente, nunca teve sossego. Inventaram o tal do Mensalão, e o Lula foi reeleito e fez a sua sucessão, que foi a Presidenta Dilma; a Presidenta Dilma buscou a sua reeleição. Mas quando, na quarta vez, o PT elegeu um Presidente, eles disseram: *“Agora não tem mais jeito, porque tem o Lula de novo em 2018.”*

E o que é que fizeram? Aécio Neves, Eduardo Cunha, Sérgio Moro, Rede Globo, FIESP, essa turma toda foi se juntando para não deixar acontecer o quarto mandato de Governo. Estou dizendo isso porque eu participei ativamente desse processo. Portanto, nós enfrentamos tudo isso e estamos aqui com a nossa bancada de Deputados e Deputadas, de 56 Deputados, e não aceitamos essa reforma da Previdência danosa, não aceitamos essa privatização do Estado.

O que a equipe econômica do Moro está fazendo? *“Nós vamos transformar o Estado em uma empresa.”* É isso que eles estão fazendo. Não precisam mais de Ministérios, até porque eles não vão ter programas, eles estão extinguindo os programas. Ora, um Governo precisa de Ministério das Cidades quando tem programa como o Minha Casa, Minha Vida, como nós tivemos. Havia milhares de obras neste País em todas as capitais, nas cidades médias, nas pequenas. Como tudo isso acabou?

Estamos com mais de 7 mil obras paradas neste País. E ainda tem alguém dizendo *“Fora, PT!”* Mas nós já estamos fora há quanto tempo? Eles sentaram na cadeira há mais de 3 anos, e não são capazes de terminar as creches para as criancinhas; não são capazes de terminar as quadras esportivas cobertas, que são miniginásios espalhados por este Brasil afora; não são capazes de terminar as UBS — Unidades Básicas de Saúde; não são capazes de terminar obra nenhuma.

Como esse povo vai governar este País? Eu conheço essa turma, convivi com eles aqui. Quem é Onyx Lorenzoni? Quem é esse cidadão para ser Chefe da Casa Civil de um país como o Brasil? Não serve nem para ser no Rio Grande do Sul, nem no Município dele, e quer ser Chefe da Casa Civil? Só no Governo Bolsonaro.

Quem é Bolsonaro? O que ele fez aqui dentro durante 16 anos, só o tempo em que eu o acompanhei aqui? As vezes em que vinha a esta tribuna era para fazer aquelas lorotas, aqueles xingamentos, aquelas ofensas.

Então, os partidos que deram o golpe não conseguiram construir um nome. O PSDB não conseguiu. O PMDB não conseguiu. Não surgiu ninguém. Então levaram, nos últimos 15 dias de campanha, o eleitor para Bolsonaro.

Mas nós já projetamos uma grande liderança nacional para se apresentar como alternativa, com todo o respeito aos demais partidos de centro-esquerda. É claro que ali adiante nós teremos que fazer uma grande frente nacional de quem quer o bem do Brasil para enfrentar esse bando de picaretas. É um bando de picaretas, mais uma vez, que se instala para governar o destino de nossa Nação, para vender as nossas riquezas para o capital internacional a preço de nada!

Eu pergunto aos eleitores e eleitoras do Pará que votaram no Bolsonaro: vocês acham que a gasolina, que o óleo *diesel*, que o gás de cozinha vão baixar de preço no Pará? Quando?

Vocês acham que o Governo do Bolsonaro vai ressarcir os prejuízos que o Pará tem anualmente com a Lei Kandir, que ultrapassam 3 bilhões de reais? Vocês acreditam nisso? Com certeza vocês, se estiverem acreditando, vão ter uma decepção muito grande.

Nós, do Partido dos Trabalhadores, vamos defender aqui uma reforma tributária em que os ricos pagam impostos, porque neste País os ricos sonégam, e os pobres têm que pagar.

Há mecanismos para cobrar os pobres mensalmente, na conta, na folha, mas os ricos? Olhem os bancos, olhem os lucros dos bancos privados que o financiaram e que são todos Bolsonaro. Vocês acham que o Governo Bolsonaro vai enfrentar o lucro dos banqueiros? Eu não acho! Eu não acredito!

Vocês acham que o Governo Bolsonaro vai acabar com a lei que limita gastos por 20 anos? Vocês acham? Acreditam nisso? Eu duvido. Estou pagando para ver. Este País não tem saída! Podem fazer o discurso que quiserem, podem dizer as lorotas que quiserem, mas a lei que foi aprovada neste Congresso, com a constitucionalização de medida para não se gastar mais em saúde, educação, segurança e obras vai fazendo com que os Governos de Estados e Municípios, que estão lá na ponta, não tenham condições de desenvolver bons serviços públicos por este País afora. Então, meus amigos e minhas amigas, a vingança não funciona. A vingança não funcionou, nem vai funcionar.

Essa foi a eleição da vingança. Essa foi a eleição da trama do grande capital com parte do Judiciário brasileiro e da grande mídia. Para prender um Presidente, viraram durante anos a vida do Presidente Lula de cabeça para baixo, rastream sua vida. Nunca encontraram um bilhete, nunca encontraram uma gravação, nunca encontraram uma conta na Suíça, mas o Juiz Sergio Moro foi lá e sem provas o condenou, porque tinha que condená-lo, para que ele não fosse candidato, porque não poderia ser o Presidente da República. Se voltasse a ser Presidente da República, aí sim nós não estaríamos aqui discutindo esse orçamento miserável que vamos ter para 2019. Esse PIB, essa arrecadação nacional, em vez de aumentar nesses 3 anos, já que eles diziam que iriam melhorar o Brasil, diminuiu.

Então, nosso partido estará nacionalmente, em todos os Municípios brasileiros, em todos os Estados, e não adianta querer inventar mais golpes, porque nós resistiremos a todos e cresceremos em todos os momentos. Vamos nos preparar já para as eleições de 2020 para Prefeitos, Vice-Prefeitos e Vereadores. E estamos a caminho de 2022, porque essa turma aí é uma turma que não vai fazer nada de bom para o povo brasileiro. Essa turma aí é um bando de gafanhotos! É um bando de gafanhotos que vai fazer com que o nosso Brasil fique cada vez mais pobre e mais dependente do capital internacional. Isso tudo não passa de uma grande trama, de uma grande farsa na política brasileira. Infelizmente estamos vivendo este momento no nosso País.

Sra. Presidenta, peço que os meios de comunicação desta Casa divulguem meu pronunciamento, que ele fique registrado nos Anais e que o programa *A Voz do Brasil* também o divulgue.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Solicito que o pronunciamento do Deputado Zé Geraldo seja transmitido na sua essência pelos meios de comunicação desta Casa e também pelo programa *A Voz do Brasil*.

Passo a palavra ao Deputado Edmilson Rodrigues.

V.Exa. dispõe de um prazo de até 5 minutos.

O SR. EDMILSON RODRIGUES (PSOL - PA) - Com prorrogação, Sra. Presidente? (*Risos.*)

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Eu lhe concedo 7 minutos.

O SR. EDMILSON RODRIGUES (PSOL - PA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Obrigado.

Deputada Erika Kokay, é um prazer ter esta sessão presidida por V.Exa. Quero dar um abraço no Deputado Freitas do PT, pois não tinha tido ainda a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Eu lhe desejo sucesso no trabalho parlamentar. É bom ter mais uma amazônida combativo nesta Casa.

Deputada Erika Kokay, eu queria prestar uma informação a V.Exa. Eu queria dialogar com V.Exa., porque houve uma exposição recentemente, e eu que sou uma pessoa dedicada à leitura me surpreendi com as informações relacionadas à participação das mulheres na vida política e, particularmente, na vida literária do País. Então, eu procurei, e recebi agora, uma obra de grande valor histórico, além de grande valor literário, publicada pela Edições Câmara.

As informações às quais eu me referi são aquelas do corredor de acesso a este ambiente, ao Plenário Ulysses Guimarães. E dentre as informações me chamou a atenção a da primeira mulher negra escritora: Maria Firmina dos Reis, que, em 1859 — ela nasceu em 1822, o ano em que oficialmente foi proclamada a Independência do País —, portanto, com 27 anos, lançou este livro, que é o primeiro romance, talvez o único romance abolicionista escrito por uma mulher, exatamente a primeira mulher negra escritora do nosso País.

Maria Firmina nasceu no Maranhão e Grão-Pará, na parte que hoje é considerada do Estado do Maranhão. E foi também a primeira mulher a se tornar, mediante concurso, professora, no Estado do Maranhão. Autodidata, nunca conheceu o pai e, apesar de muito pobre, negra, contribuiu como escritora, como intelectual, com o bom combate para superar uma grande chaga da história do Brasil, que foi um período longo de escravidão dos nossos povos indígenas e, particularmente, dos povos africanos, de várias regiões da África, que vieram para cá mediante o tráfico de pessoas, o que revela que o tráfico de pessoas humanas é algo secular.

Maria Firmina, no seu romance, através da personagem Maria Suzana, pôde relatar a crueldade do tráfico humano de africanos para o Brasil. Ao mesmo tempo, ela ressalta as virtudes daqueles que, brutalizados pelo trabalho escravo, ainda

assim conseguiam ser amorosos, ser solidários, particularmente entre si — não é à toa que tantos quilombos surgiram como espaço de resistência.

Por falar em resistência, eu fiz questão de citar esta obra, e agradeço à SECOM pela exposição sobre as mulheres.

Quero agradecer à Edições Câmara por, em 2018, tornar possível a leitura do primeiro romance escrito por uma mulher negra no País, ainda no século XIX, em 1859, além de agregar várias poesias, várias obras e contos produzidos por esta grande escritora, Maria Firmina dos Reis.

Algumas poesias aqui fazem chorar, poesias de amor a sua mãe e, ao mesmo tempo, de anúncio de um futuro justo, sem escravidão, e de denúncia contra o sistema perverso da escravidão, que, infelizmente, apesar da abolição da escravatura, prevalece sob outras formas, num território tão potente e numa economia que ainda é uma das dez maiores economias do mundo.

Ao falar em resistência e parabenizar a exposição, eu quero dizer que com muita tristeza vi parado o processo de plotagem da nova exposição, exatamente no mês de novembro.

Sabemos que, no dia 20, comemoraremos o Dia da Consciência Negra, que é uma homenagem a Zumbi dos Palmares, o negro poliglota que se negou a aceitar um acordo pelo qual os escravos eram obrigados a praticamente perdoar as violências e a desconhecer as atrocidades. E, ao se rebelar, constituiu um quilombo de resistência e incomodou muito a burguesia e a Colônia, ainda no século XVII. E essa homenagem não é só a Zumbi, mas também a Dandara de Palmares, a sua companheira. Foi um incômodo para as classes dominantes ter um negro dizendo não às suas vontades, um negro, que, além de falar a sua língua ancestral africana, falava fluentemente português, francês e tantas outras línguas.

Então, ter que suportar um negro poliglota dizendo não à violência deles e constituindo a resistência no Quilombo dos Palmares incomodou. E quanto incomodou e quanto incomoda!

Deputada Erika Kokay, sabe por quê, há 2 dias, estava parada a fixação da linda exposição em homenagem ao Dia da Consciência Negra? Porque há, na vertical, em letras garrafais, bastante visíveis, a palavra "resistência".

Algum canalha, que sofre da síndrome do pequeno poder, achando que o ideário de violência, defendido inclusive pelo futuro Presidente do País, e que esse clima do País autoriza outra forma de violência, a de inviabilizar a liberdade de expressão, inclusive a liberdade de expressão artística, e inviabilizar o trabalho autônomo e competente dos servidores desta Casa responsáveis tanto pela produção do conhecimento que essas exposições expressam e das informações que são fruto de pesquisa quanto pelo próprio tratamento artístico...

Portanto, expresso minha solidariedade ao Centro Cultural Câmara dos Deputados, à Isabel Martins Flecha de Lima e às demais pessoas envolvidas nesse lindíssimo trabalho.

Deputada Erika, agradeço-lhe pela oportunidade de falar. Falei em Maria Firmina dos Reis para homenagear as mulheres, para homenagear negros e negras, para homenagear o nosso povo, que há séculos resiste e trava um bom combate contra todas as formas de exploração e opressão.

Não será um croqui de ditador que nos imporá medo, porque coragem é a nossa marca. A sua intimidação não nos fará recuar, porque a nossa marca é a marca do combate, é a marca da resistência, movida pelo sonho de um futuro possível e cada vez mais possível. Se 10 anos atrás — há tão pouco tempo — um negro entrasse num condomínio, e outro negro, porteiro, submetido à violência e à escravidão moderna, dissesse-lhe que ele só poderia entrar pelo elevador de serviço, isso era aceito como algo normal.

Hoje, cada vez mais, qualquer ato de violência contra mulher, contra negro, contra a comunidade LGBT, contra um idoso, contra um jovem, enfim, qualquer forma de opressão tem uma reação do ofendido e uma reação social, porque os valores que se contrapõem a essas perversidades sistêmicas vão ganhando cada vez mais força. As condições filosóficas estão cada vez mais favoráveis às mudanças. Por isso, não achem que o povo pode ser ludibriado.

Alguns canalhas — pouquinhos — votaram em um fascista para Presidente; uma multidão enganada também votou, gente trabalhadora, honesta, mas perceberá o erro que cometeu quando vir a tentativa de aprovar a reforma da Previdência. Ela não será aprovada! Não será aprovada a reforma da Previdência!

Deputada, agradeço-lhe mais uma vez a paciência e concluo dizendo que pela proposta do Temer, que o futuro Ministro da Economia diz ser branda e que o Presidente eleito diz: *"Pelo menos aprovem essa. Depois nós a aprofundaremos mais"*, Deputado Freitas, só haverá aposentadoria aos 65 anos, e mais, se tiver 49 anos de contribuição.

Eu sou professor há 41 anos. Quantos professores hoje estão desempregados? Quantos operários? Quantos comerciários? Gente com 60 anos, 70 anos de idade, que trabalhou por 4, 5 anos e foi demitido, passou anos desempregado, não consegue comprovar na sua carteira de trabalho — que deve acabar, porque estão acabando como o Ministério do Trabalho — que trabalhou por 10, 12 anos.

Para se ter uma ideia, 80% dos trabalhadores que se aposentaram em 2015 — 80% — não conseguiram comprovar 25 anos de contribuição com carteira assinada ou como servidor público. Ou seja, se se exigirem 35 anos, como alguns querem, ou 49 anos, quase ninguém comprovará. Talvez alguns Deputados, alguns empresários, alguns grandes advogados, alguns Ministros do Supremo, alguns juízes. Uma minoria que ganha muito terá direito à aposentadoria. O povo estará escravizado até o fim da vida. Morrerá trabalhando.

Essas propostas não passarão!

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Erika Kokay. PT - DF) - Obrigada, Deputado Edmilson Rodrigues.

Vou passar a Presidência desta sessão ao Deputado Freitas do PT, porque irei fazer uso da palavra.

Porém, antes, gostaria de agradecer a presença aos alunos e alunas da Escola Classe 413 Sul. É um prazer imenso tê-los e tê-las aqui no dia de hoje acompanhando esta sessão, que é uma sessão apenas de debates, sem matérias que possam levar a qualquer deliberação. Sejam bem-vindos, educadores e educadoras e alunos e alunas da Escola Classe 413 Sul.

Passo a palavra ao Deputado Claudio Cajado, por 1 minuto, para que possa fazer um rápido pronunciamento.

O SR. CLAUDIO CAJADO (Bloco/PP - BA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Muito obrigado, Sra. Presidente, pela gentileza.

O que me traz à tribuna é que semana que vem teremos uma semana curta. Há feriado na quinta-feira, o que poderá levar a anteciparmos a sessão que normalmente acontece às terças para segunda-feira. Mas gostaria de deixar registrado que, posteriormente à semana que vem, nós teremos em torno de 6 semanas para concluirmos os trabalhos neste ano e neste exercício. Serão 6 semanas em que nós poderemos produzir muito.

Passaram-se as eleições, passaram-se os debates, e temos que pensar agora no Brasil. Ainda existem matérias importantes que nós poderemos votar, para melhorar as condições que nos afligem, como o desemprego, como os juros altos, um pouco ainda de recessão, e para podermos ter, no ano que se aproxima, 2019, condições mais favoráveis para todos nós brasileiros.

Eu não tenho dúvida de que o Congresso tem uma parcela importantíssima nesse processo, tanto agora, no final do Governo do Presidente Temer, como no início do próximo Governo, o do Presidente Bolsonaro. E é importante que tenhamos a visão de que nós devemos continuar trabalhando até o último dia do mês de dezembro. Temos o orçamento para votar, temos mais de 30 bilhões de reais em créditos suplementares para serem aprovados, tanto na Comissão de Orçamento como no Congresso Nacional.

É fundamental que nós possamos pautar essas matérias e votá-las aqui no plenário, não apenas para assegurar os recursos orçamentários para Ministérios, estatais e obras importantes, como prédios de Tribunais Regionais do Trabalho de alguns Estados, mas principalmente para deixar no passado o momento de recessão e de depressão que o País atravessou e alavancar uma nova era de desenvolvimento e progresso.

Isso é tudo o que nós desejamos. Para isso, precisamos de união. Independentemente das nossas ideologias, nós precisamos ter o compromisso de estar a favor do que for bom para o Brasil. Obviamente, cada um tem a possibilidade de se colocar contra o que não for bom para o País.

(Durante o discurso do Sr. Claudio Cajado, a Sra. Erika Kokay, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno, deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Freitas do PT, nos termos do § 2º do art. 18 do Regimento Interno.)

O SR. PRESIDENTE (Freitas do PT. PT - TO) - Obrigado pelo seu pronunciamento, Deputado.

Neste momento, oportunizo a palavra à Deputada Federal Erika Kokay, para uma Comunicação de Liderança, pela Oposição e pela Minoria, pelo tempo regimental.

A SRA. ERIKA KOKAY (PT - DF. Como Líder. Sem revisão da oradora.) - Sr. Presidente, eu agradeço ao povo do Tocantins a possibilidade de ter V.Exa. aqui. Pelo que percebo, também é um bom poeta para discursar aqui. Há que se ter muita poesia para enfrentar o momento que o Brasil está vivendo.

Nós tivemos um processo eleitoral cheio de percalços e fraudes, porque, em primeiro lugar, houve a condenação de Lula, a prisão de Lula e o silenciamento de Lula, sem que se consiga dizer qual foi o crime que Lula cometeu. Lula está preso porque dizem que foi beneficiado pela reforma de um apartamento, que todas e todos sabem que não é dele. Não há qualquer contestação ao fato de que o apartamento não é dele. E o ato que Lula fez em benefício das empreiteiras é um ato indeterminado. Isso está escrito na própria sentença.

Portanto, Lula foi condenado e está preso porque dizem que se beneficiou da reforma de um apartamento que não é dele — questiona-se inclusive se houve reforma — e ao mesmo tempo porque cometeu um ato indeterminado de favorecimento de empreiteiras. Assim, Lula foi impedido de participar do processo eleitoral, embora não houvesse qualquer dúvida de que representava a preferência do povo brasileiro.

Este é o Brasil que nós estamos vivenciando, um Brasil que vira as costas para o que representou Zumbi dos Palmares, cuja imortalidade nós comemoramos neste mês de novembro com o Dia Nacional da Consciência Negra, que abre também os dias de ativismo e de enfrentamento à violência que atinge as mulheres.

Dia 25 de novembro é o Dia Internacional de Combate à Violência contra as Mulheres. Dia 1º de dezembro é o Dia de Combate à AIDS. Dia 6 de dezembro é o Dia do Laço Branco, em que nós lembramos o massacre de Montreal, quando um homem invadiu uma faculdade e assassinou as mulheres num curso de Engenharia, dizendo que o curso de Engenharia não era um curso para mulheres. Nesse dia, nós lembramos a necessidade de comprometimento e adesão dos homens à luta de enfrentamento à violência que atinge as mulheres.

Esta violência se assemelha à tortura, porque as mulheres estão sendo arrancadas delas mesmas. O agressor é aquela pessoa que foi objeto do desejo da mulher. Esta violência ocorre dentro de casa, mas não fica dentro de casa.

Quando analisamos este tipo de violência e estamos nas ruas, vemos que somos seres anônimos: em casa, somos nós mesmas. É para casa que queremos voltar todos os dias, é para casa que queremos que nossos filhos e filhas voltem todos os dias. Milhões de mulheres neste País têm medo de voltar para casa. Esta situação reflete o feminicídio simbólico que abre caminho para o feminicídio literal.

O Brasil é o quinto país em morte de mulheres, apenas pela condição de pertencerem ao gênero feminino. Fruto da ignorância ou do obscurantismo daqueles que têm saudade das fogueiras que queimavam mulheres — estima-se que se queimaram mais cem mil mulheres na história da humanidade —, a palavra gênero é aquela que alguns querem arrancar do dicionário, arrancar da situação de diálogo e arrancar dos professores, por meio do substitutivo do dito Projeto Escola sem Partido. Como eu já disse, este termo não corresponde ao que era o projeto.

Ninguém defende uma escola partidarizada. Ninguém defende uma doutrina partidarizada ou partidária dentro das escolas. O que nós defendemos é a liberdade de construir um pensamento, é a liberdade de construir uma consciência crítica, porque o saber e o conhecimento são uma troca. É preciso que estejamos sempre duvidando, estranhando, para não engolirmos os argumentos como se fossem verdades absolutas, mas para que eles passem pelas nossas vivências, pelo lugar onde estamos, pelas nossas leituras, pelos nossos saberes, para que se consolidem como conhecimento pleno.

Nós temos uma lógica dialética que diz que a cada tese é preciso uma antítese, que gera uma síntese. Trata-se do contraponto que faz com que crescamos e avancemos naquilo que constrói a inteligência do próprio gênero humano, do próprio ser humano. A inteligência é fruto do contestar, do duvidar, do argumentar, de todo um processo emaranhado que nos coloca vivos nas questões fundamentais para nossas vidas.

O conhecimento não é uma pílula pronta que se engole sem contestação. Há uma lógica binária que querem nos impor. Não! É preciso que haja o pensamento crítico, para que possamos evoluir. Foi com o pensamento que a humanidade evoluiu.

O que temos hoje é uma proposição que está para ser votada na Comissão Especial, e nós vamos utilizar todos os instrumentos regimentais para impedir que ela seja aprovada. Essa proposição proíbe o professor de usar a palavra gênero. Eu me pergunto sobre aqueles que defendem a dita Escola sem Partido. Em Santa Catarina, vimos uma pessoa que defende a dita Escola sem Partido com um taco de beisebol no qual estava escrita a expressão "direitos humanos". Direitos Humanos! Direitos humanos é um conceito que se fortaleceu como tentativa de a humanidade fazer o luto dos fornos crematórios e o luto dos campos de concentração.

O dia 10 de dezembro, quando se encerram os eventos do ativismo pelo enfrentamento da violência que atinge as mulheres, eventos em que estão envolvidos quase 200 países em todo o mundo, é o dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento que afirma que todo ser humano nasce igual em direitos e em dignidade, todo ser humano é detentor de uma dignidade intrínseca à própria humanidade, fato que reafirma a própria humanidade e dignidade.

Nós realizamos nossa humanidade com o outro, por meio da afetividade, já que somos seres faltantes, seres que precisam uns dos outros para se sentirem pertencentes a algo maior que nós mesmos, para atingirmos a plenitude que, sozinhos, não alcançamos.

Por isso, as escolas provocam tanto medo nos fascistas, nos fundamentalistas, nos obscurantistas, segmentos que querem construir uma concepção sem reflexão, para ser imposta de modo a tirar de todo ser humano o exercício natural da

humanidade, o exercício da construção da autonomia de pensamento, da autonomia da fala e da autonomia humana da existência, do direito de ser, do direito de amar, do direito de pensar, do direito à liberdade.

Nós estamos enfrentando esta expressão alcunhada de Escola Sem Partido de forma absolutamente injusta e inadequada. No substitutivo, eles dizem que o professor não pode usar a palavra gênero, não pode falar de ideologia de gênero, pois, segundo eles, é um conceito que não existe. A expressão ideologia de gênero foi construída para poder justificar e encobrir o caráter cruel da discriminação às mulheres e da discriminação à população LGBT. Os fundamentalistas construíram um conceito inexistente, o conceito da dita ideologia de gênero. Isso não existe! Esta ideia busca justificar a tentativa de cercear as pessoas da sua liberdade de existência e da sua liberdade de expressão do próprio afeto, que fazem com que nos reconheçamos humanos. Orientação sexual, gênero e ideologia de gênero, segundo eles, são conceitos criados, conceitos que não existem, estão proibidos de ser mencionados. São uma fobia morfológica, uma generofobia, palavras que eles querem nos arrancar.

Em que consiste a concepção de gênero? É a concepção que diz que há uma construção social, uma construção econômica, que estabelece lugares para o gênero feminino e lugares para o gênero masculino. Nós não somos discriminadas porque nascemos mulheres: nós somos discriminadas porque se construiu uma concepção de gênero em que as mulheres têm lugares específicos de existência, que são os lugares domésticos, que não têm que ter acesso a espaços públicos, que têm que dever obediência, uma obediência cega e, ao mesmo tempo, subalternidade aos homens.

O Brasil é o quinto país em feminicídio, onde mais se matam pessoas LGBT, onde as mulheres são vítimas da violência a cada segundo. Neste País, querem que a escola não tenha o compromisso de contestar ou de lutar contra a discriminação de gênero.

Isso fere as normas nacionais postas para as escolas.

Eles querem perpetuar as marcas na pele das mulheres vítimas da violência. Eles querem perpetuar as marcas na alma das mulheres vítimas da violência, porque querem que a escola não discuta a discriminação de gênero, fato que atinge as mulheres e faz com que as mulheres sejamos arrancadas de nós mesmas por um processo de violência doméstica intenso e destruidor da nossa própria existência humana.

Mas não é só isso. Ali também é dito que as concepções morais e religiosas devem subalternizar o conteúdo dentro das escolas. Penso eu que o sentido é o de negar a evolução da espécie de Darwin. Isso não pode mais ser dito nas escolas, se ferir a lógica e a religião que apontam o criacionismo da existência humana, a lógica criacionista. Por isso, rasgaram livros na Universidade de Brasília. Os livros de Darwin foram resgados na Biblioteca da Universidade de Brasília. Rasgaram livros de Darwin!

Eles querem que a concepção religiosa suplante e vergue a lógica científica. O ser humano precisa do desenvolvimento científico, como precisa da religiosidade. Esses espaços são apartados. Não há que se subalternizar ou se condicionar a discussão do conhecimento às concepções religiosas dos próprios pais. A escola é laica, a educação é laica. Além disso, ali é dito que todos os fenômenos, todos os fenômenos históricos que forem discutidos, têm que ter duas versões antagônicas, as duas principais versões. O que isso realmente significa? Se se fosse discutir a Segunda Guerra Mundial, mas vai se discutir e defender igualmente a concepção que levou Hitler a construir os campos de concentração? Ali se vai discutir e defender a igualdade, a concepção de quem defende o nazismo, o fascismo, e de quem foi vítima do fascismo e do nazismo? Quando se discutir a história brasileira de quase 400 anos de escravidão, vai se discutir a visão do escravizador com a mesma visão do escravizado? A humanidade já construiu consensos em nome da sua própria existência, em nome da lógica da universalização da nossa condição humana e dos direitos humanos.

Por isso, por esses consensos, não cabe se ter dentro da escola a obrigatoriedade na defesa de princípios que a humanidade consensuou como princípios a serem afastados da nossa vida, como os campos de concentração, como o que foi feito com os judeus, com os comunistas, com os ciganos, com as testemunhas de Jeová na Alemanha nazista, ou como o que foi feito com a escravidão neste Brasil.

Nós não podemos permitir tamanho retrocesso no País que discutiu e deu origem a Paulo Freire, que também está amaldiçoado. Paulo Freire dizia que nós temos saberes e que é preciso considerar os saberes do outro. Ninguém nasce pronto: nós vamos nos fazendo na construção de uma boniteza da vida. Dizia, ainda, Paulo Freire que a educação não muda o mundo: ela muda as pessoas, e as pessoas mudam o mundo. Eles não querem que as pessoas mudem o mundo que está sob seu controle. Eles querem que as pessoas abram mão de uma humanidade que pressupõe a capacidade de transformar.

Só o ser humano pode ter consciência da vida, pegá-la pelas mãos e transformá-la.

O que estamos vivenciando nesta Casa é uma proposição obscurantista, fruto do fundamentalismo que se alimenta da pouca reflexão, que se alimenta do sofrimento psíquico de uma sociedade que diz "*consume, para eu respeitá-lo*", mas

eles não dão o direito de consumir. Eles se alimentam da falência das políticas públicas que se perpetuam durante o Governo de Bolsonaro.

O que dizia Haddad? Dizia que se haveria de revogar a Emenda Constitucional nº 95, porque não se poderiam congelar os recursos com as despesas primárias e com as políticas públicas. O Brasil precisa de políticas públicas, precisa da presença do Estado na saúde, na educação. É preciso que o Estado esteja presente no desenvolvimento científico. O Brasil precisa do Estado nas universidades, centros que abarcam a capacidade de desenvolvimento científico e tecnológico deste País.

Por isso, diria eu que a tendência é que se perpetue o congelamento das políticas públicas. O que diz o Sr. Paulo Guedes sobre a falta de ajuste fiscal ou sobre o desequilíbrio fiscal que eles disseram que resolveriam com a Emenda Constitucional nº 95, desequilíbrio que se aprofunda todos os dias, porque as despesas financeiras não estão controladas. Este País tem uma carga tributária concentrada no consumo e na renda do trabalhador. O Brasil é um dos únicos países em que não se taxam os lucros e os dividendos: taxa-se a propriedade de forma absolutamente desigual, de forma minorizada, no que diz respeito à taxação que incide sobre a população trabalhadora deste País.

Neste País, as despesas financeiras estão liberadas. E o Sr. Paulo Guedes diz o quê? Diz que quer fazer uma reforma da Previdência para tirar a aposentadoria do povo trabalhador. É isso! Não se fala em combater a sonegação, que atinge 500 milhões. Não se fala que a Previdência é uma política de proteção social pública. O que se fala é invertebrado, é a penalização do trabalhador. Eles extinguem o Ministério do Trabalho. Nem a ditadura ousou tanto! Nem a ditadura ousou mexer na CLT, como mexeu o Governo Temer. Nem a ditadura ousou extinguir o Ministério do Trabalho, fundado em 1930, Ministério que passou por várias etapas, várias concepções, vários projetos políticos, resgatando milhares de brasileiros do trabalho análogo ao trabalho escravo, resgatando milhares de crianças do trabalho infantil, que rouba a infância. O Ministério do Trabalho é o instrumento que fiscaliza as condições de trabalho, a aplicação da legislação trabalhista, mas eles simplesmente acabam, anulam, extinguem numa canetada só.

Este Governo bate continência para os Estados Unidos, e seu mentor, o mentor da política econômica, diz que vai privatizar e faz cálculos e precifica. Qual é o preço que tem o financiamento da habitação para a população de baixa renda, cujo financiamento, 98%, está concentrado na Caixa? Qual é o preço do crédito que possibilita o financiamento da agricultura familiar, que alimenta o povo brasileiro e gera emprego e renda? E ainda querem precificar o Banco do Brasil e a Caixa Econômica. Querem dizer quanto valem essas instituições para entregar, para vender nossa ELETROBRAS aos chineses, aos canadenses, que não abrem mão das suas hidrelétricas, hidrelétricas que são protegidas pelo exército nos Estados Unidos. O exército protege as hidrelétricas porque elas são fundamentais para a soberania e para o desenvolvimento dos países.

Eles querem continuar vendendo o Brasil. E nós? Nós vamos resistir! Em nome da felicidade, nós vamos resistir. Em nome da poesia, nós vamos resistir! Eles não conseguirão nos calar. Iremos resistir, para que o Brasil seja devolvido ao povo brasileiro.

Por isso, na semana que vem, manifestaremos nossa resistência à escola amordaçada, à transformação das escolas em institutos ou espaços de profusão do analfabetismo político. Resistiremos à privatização da água e do saneamento. Nosso nome é resistência.

Eu me calo com uma frase das mães em busca da diversidade. Eu me calo em nome das mães que não querem que seus filhos se transformem em estatísticas, em nome das mães de filhos e filhas da população LGBT que resistem e dizem que seus filhos não serão estatísticas, estatísticas macabras da morte da população LGBT neste País. Elas dizem em cartazes, em camisetas, em todos os cantos: *"Se nossa existência corre risco, se a existência dos nossos filhos corre risco, nós estamos na resistência"*. Nossa existência está em perigo e corre risco, pela lógica fascista, pela lógica de varrer do País a oposição, o contraditório, pela lógica de calar as escolas e impedir o afeto ao quererem construir uma sociedade em que haja apenas prisões e não escolas, em que não haja armários, mas manicômios. Se nossa existência humana corre risco, Deputado Freitas, maior do que a capacidade de respirar, se a existência humana que se dá coletivamente corre risco, nós estamos na resistência. Iremos resistir!

O SR. PRESIDENTE (Freitas do PT. PT - TO) - Obrigado pelo pronunciamento, Deputada Erika Kokay.

Aproveito para agradecer, em nome do companheiro Juca Carroceiro, pai da comunidade colinense, a oportunidade de presidir, mesmo que por pouco tempo, esta sessão.

ENCERRAMENTO

O SR. PRESIDENTE (Freitas do PT. PT - TO) - Nada mais havendo a tratar, encerro a sessão, convocando Sessão Não Deliberativa de Debates para sexta-feira, dia 9 de novembro, às 9 horas.

(Encerra-se a sessão às 16 horas e 12 minutos.)